

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO (UNIBRA)
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

JÉFERSON WILLIAM BATISTA SILVA
MARIA CLAUDIA DA SILVA NEVES
MARIA PAULA RAMOS DE VASCONCELOS

**O PROTAGONISMO FEMININO NO MANIFESTO
POPULAR DO CAVALO MARINHO: FLOR DE
MANJERONA**

RECIFE
2021

JÉFERSON WILLIAM BATISTA SILVA
MARIA CLAUDIA DA SILVA NEVES
MARIA PAULA RAMOS DE VASCONCELOS

**O PROTAGONISMO FEMININO NO MANIFESTO
POPULAR DO CAVALO MARINHO: FLOR DE
MANJERONA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro
Universitário Brasileiro (Unibra), como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Professora Orientadora: Dra. Ana Paula Bornhausen da Silva
Bandeira

RECIFE
2021

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

S586p Silva, Jéferson William Batista

O protagonismo feminino no manifesto popular do cavalo /marinho: flor de manjerona / Jéferson William Batista Silva, Maria Claudia da Silva Neves, Maria Paula Ramos de Vasconcelos. - Recife: O Autor, 2021.

40 p.

Orientador(a): Dra. Ana Paula Bornhausen da Silva Bandeira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Jornalismo, 2021.

Inclui Referências.

1. Flor de manjerona. 2. Reportagem. 3. Cultura pernambucana. 4. Empoderamento feminino. 5. Cavalo marinho. I. Farias, Rodrigo Sousa de. II. Alves, Thalyane Santos. III. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 070

Dedicamos este trabalho a nossos pais, amigos e familiares que estão juntos conosco durante toda esta jornada vencedora que é a conclusão da graduação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter nos guiado até aqui, por cada vitória e pelas derrotas, que nos serviram de aprendizado. O Senhor é realmente o maior responsável por esta conquista.

A nossos familiares, por estarem sempre torcendo por nossas vitórias, e por terem dado a oportunidade e apoio para a realização deste sonho.

A nossos amigos que nos apoiaram com nossas conquistas acadêmicas e nos consolaram nos momentos difíceis.

A nossa orientadora Ana Paula, que nos ajudou bastante na trajetória deste trabalho.

Agradecemos também a união e persistência que nos fizeram mais fortes e nos proporcionaram recomeços e aprendizados que foram essenciais para a nossa vida e para a conclusão deste trabalho.

*“Para mim, é impossível existir sem sonho. A vida
na sua totalidade me ensinou como grande
que é impossível assumi-la sem risco.”*

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA	11
1.2 OBJETIVO GERAL	11
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	13
3 A GRANDE REPORTAGEM	14
3.1 ENTREVISTA	15
4 CULTURA POPULAR PERNAMBUCANA	17
4.1 FOLGUEDO CAVALO MARINHO	17
4.2 MANIFESTO POPULAR FLOR DE MANJEONA	19
5 RESULTADOS	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23
APÊNDICE A	24

RESUMO

O grupo Flor de Manjerona foi o primeiro manifesto popular do Cavalo Marinho a se formar exclusivamente com a presença da figura feminina - até o ano de 2019 o folguedo do Cavalo Marinho tinha predominância masculina. O objetivo deste trabalho foi buscar entender mais sobre esse manifesto e o porquê de a quantidade de mulheres brincantes ainda ser reduzida nesse folguedo, isso não se dá pela falta de interesse das mulheres em participar, mas por questões de tradição do próprio brinquedo. Porém, hoje é possível perceber que o cenário está mudando por iniciativa das próprias mulheres que têm buscado o seu lugar na brincadeira. Através dessa análise, fomos em busca dos contatos das mulheres do Flor de Manjerona, para obtermos respostas através de entrevistas concedidas por algumas das integrantes, e então, dar andamento ao nosso trabalho experimental: uma grande reportagem de texto. Conclui-se que, ainda é pequena a participação de mulheres brincantes neste manifesto.

Palavras-chave: Flor de Manjerona; reportagem; cultura pernambucana; empoderamento feminino; Cavalo Marinho.

ABSTRACT

The group Flor de Manjerona was the first popular manifesto of Cavalo Marinho to be formed exclusively with the presence of the female figure - until the year 2019, the Cavalo Marinho party had a male predominance. The objective of this work was to seek to understand more about this manifesto and why the number of women playing is still reduced in this revelry, this is not due to the lack of interest of women in participating, but for reasons of tradition of the toy itself. However, today it is possible to see that the scenario is changing on the initiative of the women themselves who have sought their place in the game. Through this analysis, we went in search of the contacts of the women of Flor de Manjerona, to obtain answers through interviews granted by some of the members, and then, to proceed with our experimental work: a large text report. It is concluded that the participation of women players in this manifesto is still small.

Keywords: Marjoram Flower; reporting; Pernambuco culture; female empowerment; Seahorse.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho traz como tema a representação da mulher em um manifesto popular pernambucano, vale salientar que só os homens participavam desse brinquedo. Visa também contar a história do grupo Flor de Manjerona, como surgiu e quais foram os impactos, ao formarem um grupo apenas com mulheres.

O Flor de Manjerona é o tema principal do nosso trabalho experimental, tendo como modelo uma grande reportagem, pensada para veículos impressos. Para tanto, tratamos, neste relatório, sobre a cultura popular pernambucana e o folguedo do Cavalo Marinho e abordamos a importância da entrevista para a apuração jornalística e para a produção de reportagem, que será o nosso produto apresentado como projeto experimental. Dessa forma, o conceito e o fluxo histórico da reportagem como gênero jornalístico interessam e, por isso, precisam ser resgatados neste relatório.

Partindo para o conceito de grande reportagem, para Medina (1988), a grande reportagem possui quatro grandes características: a ampliação das informações imediatas, ou seja, das notícias; o rumo da humanização, que individualiza um fato social por meio de um perfil representativo; a ampliação do fato imediato no seu contexto; e, por último, o rumo da reconstituição histórica do fato (MEDINA, 1988, p. 72).

Para nossa pesquisa, entrevistamos o especialista em Ensino da História, Lucas Thyego, explanou sobre a cultura popular pernambucana. Acerca da valorização da cultura popular, o pesquisador afirma:

Nossa cultura, infelizmente, é desconhecida de grande parte dos próprios pernambucanos. Até conhecemos os grandes ciclos de festejos – carnaval, são joão e festas natalinas – mas pouco queremos conhecer sobre nossa própria memória. Além disso, ainda estamos muito aquém em relação a uma educação patrimonial e cultural. O poder público, que deveria fomentar e incentivar a educação cultural e os espaços de cultura, não faz sua parte. (THYEGO, 2021, entrevista aos autores).

Seguindo para a perspectiva do contexto histórico do Cavalo Marinho, de acordo com pesquisas no site Correio Braziliense¹, o folguedo nasceu a partir da

¹ Correio Braziliense. Conheça a tradição popular cavalo – marinho, que terá oficinas e apresentações. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/05/19/interna_diversao_arte,532575/conheca-a-tradicao-popular-cavalo-marinho-que-tera-oficina-e-apresent.shtml > acesso em: 27 de set 2021

diversão e encontro dos escravos e índios, nos antigos terreiros dos engenhos da cana-de-açúcar, mas ainda não se diferenciava do Bumba-meu-boi. Na década de 1960, quando o Cavalo Marinho começou a se diferenciar do Bumba-meu-boi e então houve registros do folguedo com o nome do Cavalo Marinho.

No cavalo-marinho, assim como em tantas manifestações de nossa cultura popular, a música e a dança unidas proporcionam uma integração entre pessoas, onde o tocar, o cantar e o dançar fazem parte de uma mesma expressão, uma vez que a música acompanha a dança e vice-versa [...] (ALCÂNTARA, 2014, p. 54).

Para a autora Tainá Dias (2019), o cavalo marinho traz em suas apresentações questões sociais, políticas e a realidade bastante dura de um povo.

O cavalo marinho carrega beleza e poesia ao mesmo tempo que reflete uma realidade bastante dura, tanto para homens quanto para mulheres. As questões femininas, no entanto, não têm apelo na roda do cavalo marinho uma vez predomina nesta brincadeira uma representação masculina do mundo (DIAS, 2019, p. 28).

1.1 JUSTIFICATIVA

A relevância do nosso tema se dá por estar em consonância com a atualidade, quando as questões envolvendo a participação das mulheres na sociedade são cada vez mais discutidas, tanto nos aspectos dos direitos e deveres quanto no âmbito cultural, quando se fala da presença feminina, pois, de acordo com Imaculada Salustiano, as mulheres eram proibidas de participar de muitos eventos e situações da sociedade. O grupo Flor de Manjerona surgiu justamente pela vontade de Imaculada Salustiano, enfermeira e fundadora do grupo Flor de querer fazer parte da brincadeira. Segundo Thayene Santos, de 28 anos, arquiteta e uma das integrantes do Flor, as mulheres eram impedidas pela sociedade machista de participar das manifestações.

O problema da nossa pesquisa é: como se dá protagonismo feminino no manifesto popular flor de manjerona?

1.2 OBJETIVO GERAL

Produzir uma grande reportagem de texto sobre o manifesto popular Flor de Manjerona, que surgiu em 2019.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Falar sobre o protagonismo feminino no âmbito popular do Cavalo Marinho.

Abordar os elementos que compõem o folguedo para a apresentação do espetáculo.

Apresentar um fluxo histórico e a representatividade do Flor de Manjerona para o folguedo do Cavalo Marinho.

2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa tem como proposta trazer questões históricas e documentais sobre o protagonismo de mulheres no brinquedo do Cavalo Marinho e discutir o processo de inclusão.

Após questionamentos sobre a ausência da imagem feminina, definimos o tema. Iniciamos com a pesquisa da história do Cavalo Marinho. Nessa pesquisa, chegamos ao grupo Flor de Manjerona. Em seguida, com o auxílio das plataformas digitais e meios de comunicação, pesquisamos os nomes e entramos em contato com cada um dos entrevistados, pois no decorrer do curso de jornalismo, aprendemos que toda história, para ser contada, precisa de um personagem.

Para o nosso relatório, foi feita uma revisão bibliográfica tendo como referências Nilson Lage (2001), Thaís Oyama (2020), Cleide Floresta e Lígia Braslauskas (2009) e Cremilda Medina (2008). Para tratarmos do assunto sobre a grande reportagem, utilizamos como referência os autores, Nilson Lage (2001) e Cremilda Medina (2008), já para falar sobre o gênero entrevista consultamos as autoras, Thays Oyama (2009), Cleide Floresta e Ligia Braslauskas (2020).

Ao chegarmos nas entrevistas, conseguimos um contato com o historiador especialista em Ensino da História, Lucas Thyego. Marion Quadros, especialista na área de antropologia, nos temas: sexualidade, gênero, feminismo, saúde reprodutiva, educação e família.

A grande reportagem foi baseada nos temas sobre empoderamento feminino, tendo como entrevistada Marion Quadros, professora do Departamento de antropologia da UFPE, e o protagonismo feminino no Cavalo Marinho, tendo como entrevistadas duas integrantes do grupo Flor de Manjerona, Imaculada Salustiano e Tayene Santos.

Devido ao cenário da Covid-19, foi necessário seguir protocolos de cuidados com a saúde e, com isso, tivemos algumas restrições. Em comum acordo com os entrevistados, todas as entrevistas foram feitas no formato online, para garantir a total segurança de todos os envolvidos.

3 A GRANDE REPORTAGEM

Como dizem os autores José Marques de Melo e Francisco de Assis, no artigo “Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório”:

gênero jornalístico é a classe de unidades da Comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade, por meio de suportes mecânicos ou eletrônicos (aqui referidos como mídia), potencialmente habilitados para atingir audiências anônimas, vastas e dispersas (MELO E ASSIS, 2016, p.11).

Para Marques de Melo (2016), o formato de reportagem se engloba ao gênero informativo, juntamente com os formatos de nota, notícia e entrevista. E por mais que façam parte de um mesmo gênero, cada um possui sua particularidade e características próprias.

De acordo com Faro (2013), no artigo “Reportagem: na fronteira do tempo e da cultura”, a reportagem não é apenas um gênero jornalístico. Trata-se do relato de um acontecimento que cause a sensação de potencial para os profissionais envolvidos na produção da notícia, onde percebem que aquela notícia tem capacidade para ser investigada mais a fundo, fazendo apurações, buscando detalhes, confronto de informações, checagem de fonte e a visão crítica do profissional responsável para contextualizar, ou seja, buscar tirar o melhor daquele material (FARO, 2013, p. 77).

Ainda segundo Faro (2013), entende-se que o processo na narrativa do repórter durante a produção da matéria é uma linha cronológica com bastante coerência, buscando contextualizar as informações, até chegar na sua linha de raciocínio principal do que ele considera notícia.

O conceito de reportagem, para Lima (2009, p.18), é “uma ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual”. Esse conceito é um ponto de partida para a grande reportagem, que, segundo o autor, é

um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo a seu autor, ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia (LIMA, 2009, p.18).

O adjetivo grande é usado antes da palavra reportagem quando há um aprofundamento tanto no sentido de extensão quanto de intensidade, segundo Lima (2009, p.24), com o critério de alcançar o entendimento mais amplo possível da

questão em exame. Como diz Lima (2009), o aprofundamento é extensivo quando o leitor é brindado com dados, números, informações, detalhes, com o intuito de aumentar ainda mais o seu conhecimento.

3.1 ENTREVISTA

Como afirma a jornalista Fernanda Cirenza, editora de Sociedade da revista “Marie Claire”, no livro de Cleide Floresta e Ligia Braslauskas, entrevista é uma produção. “Às vezes, é a história de uma pessoa, mas, para contar essa história, o jornalista precisa ouvir outras dez. Porque é preciso checar os dados, e levantar outros.” (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009, p. 74)

No livro “Técnicas de reportagem e entrevista” das autoras Cleide Floresta e Ligia Braslauskas (2009), Braslauskas, ao falar sobre a importância de ouvir o entrevistado, afirma que os entrevistados também ficam nervosos, pois eles serão questionados e a vida deles é que será exposta. Mas, para tornar uma situação mais leve, é bom começar com perguntas leves/amenas, para fazê-lo sentir-se seguro. Nesses momentos, o papel do repórter é apenas ouvir, intervindo o mínimo possível, até para evitar comentários e opiniões desnecessárias, é importante ouvir e observar tudo (BRASLAUSKAS, 2009, p. 93).

Para Cleide Floresta e Ligia Braslauskas (2009), é necessário, antes da entrevista, fazer pesquisas, conhecer mais sobre o entrevistado e combinar o modelo da entrevista, seja ela presencial, por telefone ou e-mail. Vale ressaltar que o melhor modelo é no “olho a olho”.

Por não ficar cara a cara com ele, o jornalista dificilmente conseguirá perceber quando está fugindo das perguntas ou suas reações, o que acaba tendo influência direta na qualidade das respostas e do texto. Mas há exceções. Se o entrevistado for do tipo que se abre facilmente, é possível que o repórter consiga material necessário até para um pingue-pongue em uma entrevista por telefone (Floresta; Braslauskas; 2009, p. 74).

No livro “A arte de entrevistar”, de Thaís Oyama (2020), a autora afirma que uma entrevista bem-sucedida resulta de diversos fatores, que independem do repórter. Segundo Oyama (2020), vai depender do humor do entrevistado, de suas competências com a pauta ou do tempo disponível para conversar, dentre outros determinantes que o entrevistado não pode controlar. Além de talento, a única coisa

que está sob o controle do repórter é a sua pesquisa, que, ao ser bem-feita, aumenta as chances de se ter uma excelente entrevista.

Oyama (2020) ainda diz em seu livro que, para fazer uma entrevista, seja de perfil ou de informação, é muito importante a pesquisa, ler a maior quantidade de material publicado sobre o tema e sobre o entrevistado. Se for uma entrevista perfil, aquela que funciona apenas sobre o entrevistado e não sobre o assunto que ele trata, a autora gosta de conversar antes com seus amigos e inimigos, pois faz com que a entrevista se torne muito melhor.

4 CULTURA POPULAR PERNAMBUCANA

De acordo com Dias (2019), os primeiros pensadores a falar sobre cultura popular no Brasil foram os folcloristas, trazendo a base de definição de identidade nacional, a miscigenação e a positiva e rica cultura popular nacional.

A Sociedade de Etnografia e Folclore criada no Brasil em 1936 tinha como objetivo maior investigar os aspectos formadores da identidade nacional. A maioria dos folcloristas buscava no povo as raízes de uma autenticidade que permitiria definir a cultura nacional, e na arte popular a sua expressão mais contundente. Inspirados por uma perspectiva romântica, o mundo do folclore e da cultura popular era tido como primitivo, rural, comunitário, oral e autêntico (DIAS, 2019, p. 39).

Em conversa com o Lucas Thyego (2021), ao falar sobre os impactos da nossa cultura estadual que podem ser percebidos nos cidadãos pernambucanos, ele afirma que o impacto é mútuo. Sendo a cultura fruto de transformações humanas, no espaço e no tempo, transforma nossa vivência, mas também é transformada.

Acredito que a rica cultura de Pernambuco, com vários festejos, danças e outros elementos, torna o pernambucano mais animado e tende a nos deixar mais acolhedores. Inúmeros elementos culturais interferem em nossos costumes. O segundo impacto é social e financeiro: para além da animação recorrente, e nossa típica tendência a festas, a cultura tem um importante papel na organização social e econômica, principalmente no Carnaval e no São João (Thyego, 2021, entrevista aos autores).

De acordo com Silke Weber (1984), no artigo "Política e educação: O movimento de Cultura Popular no Recife".

Um mínimo de educação geral necessária para levar a criança, o adolescente e o adulto a compreender os problemas particulares do meio em que vive, a formar uma ideia exata de seus deveres e dos direitos individuais e cívicos e a participação no progresso econômico e social do meio ao qual pertence (...) uma educação de base que venha a atender nossas necessidades de país subdesenvolvido, que possibilite a integração do homem na sua comunidade, conferindo-lhe noções sobre a vida familiar, a saúde, o país, o estado e, particularmente, uma visão do Nordeste, o trabalho e de modo especial os artesanatos e indústrias caseiras, orientação profissional e recreação artística (WEBER 1984, p.18 apud D.P., 26.04.61, p.7).

4.1 FOLGUEDO DO CAVALO MARINHO

De acordo com a autora Maria Angela (2011, p.146), no artigo CAVALO-MARINHO: UM FOLGUEDO PERNAMBUCANO, o Cavalo Marinho é um folguedo

tradicional da zona da mata norte de Pernambuco e agreste da Paraíba. Trata-se de um misto de dança, poesia (loas), coreografias, toadas e reúne mais de 70 personagens. Estes podem ser humanos, animais e fantásticos. As apresentações acontecem principalmente nos meses de junho, que se caracteriza pelo período junino, e em dezembro, no ciclo natalino.

Todos caracterizados com máscaras, roupas coloridas, fitas e espelhos, eles iniciam as suas apresentações na "boca da noite" e seguem por toda a madrugada, o que dá em média de oito horas seguidas, terminando apenas no raiar do dia ou a "barra do dia", como chamam. Entre os personagens, estão o Capitão, Mateus, Bastião, Mestre Ambrósio, Soldado da Guarita, Mané do Baile, Valentão, Pisa Pilão e Barre Rua, que fazem parte dos humanos. Os fantásticos, que são o Caboclo de Arubá, parece, mas não é, Morte, Diabo, Babau, Jaraguá. E os animais, que são Boi, Ema, Cavalo, Macaco, Onça e Burra.

A história é toda conduzida pelos personagens, que fazem apresentações de danças, como, mergulhão, trupés, dança dos arcos, coco de despedida, realizadas pelos figureiros e galantes, e encenam ao som dos instrumentos do banco - designação dada pelos brincadores para o objeto e os tocadores que aí se sentam, são eles: uma rabeca, um pandeiro, um mineiro (ganzá) e uma ou duas bajes de taboca (espécie de reco-reco de madeira colhida na região).

Outro instrumento que compõe a música, mas não faz parte do banco, é a bexiga, geralmente de boi, ressecada, tratada e inflada um pouco antes de ser tocada por Mateus e Bastião (cada um possui uma). Tradicionalmente a brincadeira é composta por homens, porém, atualmente, mulheres também participam, e é contada através de um diálogo poético, por meio de toadas e loas (GRILLO, 2011, p. 146).

Depois do banco se instalar a toada de Abertura ou de Alevante é cantada e tocada, dando boa noite a todos. É hora do Capitão se posicionar ao lado do banco. Em seguida o Mergulhão inicia e a partir disso vem a sequência de entradas e saídas de figuras. O espaço já está demarcado pela roda que se forma a partir do posicionamento do banco. As figuras entram sempre no "pé da roda", do lado oposto ao banco, portanto de frente ao Capitão. Elas chegam ao som de uma toada própria fazendo seu trupé e saem ao som de outra toada que serve para indicar o fim de sua apresentação (GRILLO, 2011, p.3).

4.2 MANIFESTO POPULAR FLOR DE MANJERONA

O grupo Flor de Manjerona foi fundado em 2019, por Imaculada Salustiano, filha do Mestre Salustiano, cujo nome de batismo é Manoel Salustiano Soares, artista múltiplo e produtor de espetáculos e folguedos, nascido no dia 12 de novembro de 1945 e falecido em Recife, no dia 31 de agosto de 2008. A sede fica localizada na casa da Rabeca, na cidade de Olinda, em Pernambuco.

Segundo Imaculada Salustiano, também conhecida como Moca Salu, as dificuldades do Flor e os desafios são os desafios de todos os grupos da cultura popular de manter a cultura com poucos recursos. Porque há custos para manter e então surge a dificuldade dessa valorização artística financeiramente. Isso é algo que pesa, mas ela acredita no objetivo, num futuro promissor para o Flor. Moca ainda acredita que outras mulheres venham a se inspirar no Flor, e que possam caminhar junto, brilhar junto, por cachês dignos, por oportunidade de mostrar a tradição do cavalo marinho que é tão forte em Pernambuco (SALUSTIANO, 2021, entrevista aos autores).

Para Salustiano (2021), a maior alegria do Flor é poder mostrar o que aprendeu com esses mestres, que tudo é feito com muito amor, muita alegria, porque, quando elas estão dançando, se apresentando, sentem uma energia que as move. A alegria, o prazer e a satisfação de “tá ali” ocupando um espaço que de uma certa forma foi tomado de algumas mulheres (SALUSTIANO, 2021, entrevista aos autores).

Segundo Moca Salu (2021), muitas mulheres sonhavam em brincar Cavalo Marinho, mas não tiveram a oportunidade e hoje elas afirmam que têm a alegria e a certeza de dizer que são o primeiro Cavalo Marinho de mulheres do Brasil, são as pioneiras.

Portanto, a alegria do Flor de Manjerona realmente é que surjam vários cavalos marinhos de mulheres, que várias mulheres entrem nesse contexto, que possam apoiá-las e que juntas possam seguir nesta caminhada (SALUSTIANO, 2021, entrevistas aos autores).

No dia 25 de dezembro de 2019, o site do jornal Diário de Pernambuco publicou uma matéria para contar da estreia do grupo Flor de Manjerona. Imaculada Salu, umas das integrantes do Flor, contou para o jornal Diário de Pernambuco que a formação

desse grupo, ao ocupar o espaço apenas com figuras femininas, é uma forma de empoderamento das mulheres e força do protagonismo feminino.

O cavalo marinho é um brinquedo tradicionalmente ocupado por homens. Ter um grupo formado só por mulheres mostra que a cultura popular também é um espaço de afirmação da força e do protagonismo feminino. A estreia do grupo vai ser a realização de um grande sonho das Salustianas. Vai ser também a oportunidade de empoderar as mulheres brincantes que partilham o sonho de atuar de maneira igualitária aos homens nesta manifestação (SALU, 2019, online).

5 RESULTADOS

Na finalização dessa pesquisa, e com a coleta de informações, foi possível concluir que o protagonismo feminino no folguedo do Cavalo Marinho ainda é pequeno quando relacionado ao protagonismo masculino.

Porém, de acordo com as informações da autora Tainá Dias Moraes Barreto (2019), no artigo “Tem mulher na brincadeira? Falas femininas, corpo e dança na tradição do cavalo marinho pernambucano”, nos últimos 20 anos houve um significativo crescimento no número de mulheres a participar do cavalo marinho, que inclui jovens e adolescentes, em sua maioria integrantes da família de mestre, parentes ou amigas próximas do grupo familiar.

Escolhemos o Flor de Manjerona, primeiro grupo de cavalo marinho composto apenas por mulheres, e questionamos sobre como é hoje ocupar um espaço que antes era composto apenas por homens e como é fazer parte de um grupo cujo protagonismo é apenas de mulheres. Recebemos o retorno de Imaculada Salustiano, que diz ser uma grande conquista e motivo de muito orgulho e alegria. E que o desejo é que ela sirva de inspiração para o ingresso de novas componentes no grupo e na criação de outros grupos, cujo protagonismo seja feminino.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo falar sobre o folguedo Cavalo Marinho, porém, fazendo com que o foco seja a representatividade feminina no ritmo com a criação do grupo Flor de Manjerona. Vale ressaltar que foi o primeiro grupo composto apenas por mulheres e crianças. Durante o desenvolvimento do trabalho, buscamos aprender, demonstrar e contextualizar a importância, junto com a trajetória dessas mulheres.

Levando em consideração todo material apresentado pela equipe, pode-se concluir que ele foi uma demonstração da independência feminina, uma vez que foi criado um grupo somente de mulheres e crianças em uma dança popular na qual não tinham espaço. Portanto, essas pessoas quebraram o paradigma. Com a criação do grupo Flor de Manjerona, o espaço para crianças e mulheres ficou muito mais claro e aparente.

A partir das explicações dos entrevistados, foi possível perceber que ainda há uma grande ausência de mulheres no folguedo. E isso não se dá pela falta de interesse das mulheres em participar, mas por questões de tradição do próprio brinquedo. Porém, hoje é possível perceber que o cenário está mudando através das próprias mulheres que têm buscado o seu lugar na brincadeira.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, P. H. L. de. **Na batida do baião: o cavalo-marinho no terreiro da família Teles em Condado-PE**. Dissertação (Mestrado em Música) — Universidade Federal de João Pessoa, UFPB/CCTA. João Pessoa, 2014.
- BARRETO, T. D. M.de. **Ausências: criação de dança a partir de um olhar para as mulheres em dois grupos de cavalo marinho da Zona da Mata Norte de Pernambuco**. 2014. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em Artes)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- CONHEÇA A TRADIÇÃO POPULAR CAVALO - MARINHO, QUE TERÁ OFICINAS E APRESENTAÇÕES. Correio Braziliense, 2016. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/05/19/interna_diversao_arte,532575/conheca-a-tradicao-popular-cavalo-marinho-que-tera-oficina-e-apresent.shtml > acesso em: 27 de set 2021.
- FARO, J. S. Reportagem: na fronteira do tempo e da cultura. **Reportagem : O contexto teórico-conceitual do problema**, [s. l.], Agos 2013.
- GRILLO, M.A. **Cavalo marinho: um folgado pernambucano**. Revista Esboços, Florianópolis, v. 18, n. 26, p. 138-152, dez. 2011. Acesso em 27 de set 2021
- LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas. São Paulo: Manole, 2009
- LONGHI, R R. O turning point da grande reportagem multimídia. **Evolução dos formatos noticiosos multimidiáticos**, [s. l.], 2014.
- MEDINA, C. **Entrevista: o diálogo possível**. 5ed. São Paulo, Ática, 2008.
- MELO, J, M, de; ASSIS, F. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. São Paulo, v. 39, n.1, p. 39-56, Abril 2016.
- OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. [S. l.: s. n.], 2020
- PRADO, Magaly (org.). **Técnicas de reportagem e entrevista em jornalismo**. [S. l.]: Saraiva, 2009.
- PRIMEIRO GRUPO FEMININO DE CAVALO MARINHO FAZ APRESENTAÇÃO NO RECIFE. Diário de Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2019/12/primeiro-grupo-feminino-de-cavalo-marinho-faz-apresentacao-no-recife.html>. Acesso em: 01 de set 2021
- WEBER, Silke. Política e educação: O movimento de Cultura Popular no Recife. Revista de ciências sociais v.27 n. 2, 233-262, 1984.

APÊNDICE A – Projeto experimental: grande reportagem em texto

Primeiro Grupo do Cavalo Marinho Feminino a se apresentar no Recife

Antigamente, o Cavalo Marinho era uma brincadeira composta apenas por homens. As mulheres participavam apenas nos bastidores, fazendo adereços, organizando as roupas, no máximo ficavam no banco como toadeiras, fazendo a segunda voz, situação rara de acontecer.

O manifesto do cavalo marinho Flor de Manjerona é um grupo recente, que teve sua estreia em 2019, e está em processo de construção. Atualmente, além do banco - designação dada pelos brincadores para o objeto e os tocadores que se sentam - tem a dança dos arcos, soldado da gurita, o ambrozio, empata samba e Mateus e Bastião. As apresentações ocorrem nos períodos junino e natalino, começam às 18 horas e seguem toda a madrugada.



Imagem 1 – Representando as flores, as crianças aprendem com os pais a brincadeira do Cavalo-Marinho e se preparam para uma nova geração.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/B7O6hmdn4o9/> 2020.

O grupo Flor de Manjerona foi fundado pela filha do Mestre Salustiano, Imaculada Salustiano. Atualmente o grupo é composto por 24 mulheres, sendo 23 brincantes,

incluindo crianças, e uma produtora, que se chama Ruth Pajeú, esposa de Maciel Salú, um dos filhos do Mestre Salustiano. Os integrantes usam a poesia, a música e o movimento para dar vida ao primeiro Cavalinho de mulheres no Brasil, quebrando as barreiras do preconceito e do machismo. A sede do grupo fica na Casa da Rabeca, localizada no Bairro da cidade tabajara, na cidade de Olinda, Pernambuco.

A aparição da figura feminina começou nos anos 1990, quando o Mestre Salustiano foi fazer uma apresentação e então houve dois desfalques. Como o Mestre Salu sempre levava suas filhas para assistir às apresentações, ele pediu para elas, Imaculada Salustiano e Betânia Salustiano, substituírem os dois faltosos, fazendo participação como pastorinhas.

Segundo Moca, ao chegar em casa, as irmãs Salu conversaram com seu pai, pedindo para que ficassem participando como pastorinhas, e tiveram como resposta um “não”. Porém, continuaram insistindo em participar até que o Mestre Salu disse: “o Cavalinho é meu, as filhas são minhas, e eu vou botar minhas filhas sim para brincar como dama”. Foi então que Imaculada e Betânia Salustiano começaram a brincar de dama no Cavalinho.

Segundo Imaculada, “a ligação de manter essas tradições é exatamente de manter vivo um legado deixado pelo meu pai, Mestre Salú. Meu pai sempre deixou a gente enquanto filho, muito a vontade para ter nossas escolhas. Ele nunca obrigou a gente a participar de nada, mas quando a gente se inseriu na cultura popular, ele sempre pedia para que a gente no dia que ele fosse embora, mantivéssemos viva o seu legado e mantemos com muito respeito, com muito amor e carinho, porque eu acredito que essa foi a verdadeira herança que Salú deixou pros filhos. Foi o seu legado cultural. A parte artística, cada filho com a sua direção, um mais identificado na dança, uma mais identificado na música, outro na produção, mas todos unidos e reunidos para manter vivo o legado de Salú”.

O grupo Flor de Manjerona se apresentou pela primeira vez no dia 25 de dezembro de 2019, abrindo a 25ª edição do Manifesto do Cavalinho na Casa da Rabeca, em Olinda.

O Flor de Manjerona, segundo uma das integrantes, Imaculada, foi muito bem recebido por todos, devido à atitude da mesma de ir em cada Mestre da Zona da Mata Norte, localizado em Condado e Alianças, fazendo pesquisas e ouvindo o que cada

Mestre tinha a dizer. Moca completou: “fez com que esses mestres se encantassem ainda mais com a decisão de mulheres tão fortes, guerreiras de querer manter um cavalo marinho apenas com mulheres”.



Imagem 2 – Mateus e Bastião que trazem o rosto pintado de preto, representam a forte presença negra na empresa açucareira. Em todos os atos, tecem comentários satíricos sobre a apresentação em si, sobre os indivíduos do público, ou sobre qualquer outros assuntos.

Crédito: Carlos Rafael / 2020

Imaculada Salu, diz que não houve nenhuma mudança em relação à criação do grupo. Para ela, tem espaço para todos, o Flor de Manjerona não é um concorrente, é apenas mais um grupo do Cavalo Marinho que está florescendo e mostrando para o mundo a beleza que é o folgado, a riqueza da brincadeira do Cavalo Marinho com suas danças, músicas, loas e teatro. O Flor de Manjerona vem para somar valores a esses grupos.

Partindo para os aspectos da dança e música, descreveremos as características, além de falar das figuras e dos bichos, das celebrações e da religiosidade que o Cavalo Marinho representa.

A dança

De movimentos rápidos, vigorosos e fortes, as danças do Cavalo Marinho revelam no corpo do brincador as formas do trabalhador rural, chamadas trupé, tombo, pisada, carreira, rasteira e tesoura. O brincador se posiciona com a base baixa, os joelhos flexionados, e o agrupamento de energia no centro do corpo. A dança se faz em conexão com a terra e ao mesmo tempo de forma leve e ágil. Praticam a dança do magui (também chamada de mergulhão), a dança dos arcos, dança do são gonçalo, o baile das baianas e dança de cada figura.



Imagem 3 – Entre cada uma das figuras que surgem, há um pequeno intervalo preenchido por toadas e trupés, que são dançados pelos membros do grupo e pelo público. São sequências de várias coreografias, também chamadas de “Dança dos Arcos”.

Crédito: Hugo Muniz / 2021

A música

A música do Cavalo Marinho tem como base o canto chamado toada e duas formações instrumentais. A rabeca, o pandeiro, a bagé de taboca, o reco e o ganzá, ou o bombo, o ganzá e a rabeca. Esse conjunto de músicos compõem o chamado banco. Seu nome é derivado do banco longo de madeira sem encosto, onde os músicos posicionam-se ao iniciar a brincadeira. No banco, a rebeca ou rabeca, além das vozes, é o instrumento melódico do cavalo marinho.

Para realizar a brincadeira do Cavalo Marinho, é preciso munir-se de muitos saberes e fazeres. Os brincadores, mestres e pessoas da comunidade produzem tudo que ali se presencia. Desde os artefatos, roupas, até os instrumentos musicais, tudo feito para a brincadeira acontecer.



Imagem 4 – As apresentações acontecem ao som da orquestra conhecida como banco (nome dado ao grupo de músicos sentados num banco), composta por instrumentos musicais como a rabeca, o pandeiro, o ganzá, e o bage de taboca.

Crédito: Hugo Muniz 2021

As figuras e os bichos

As figuras, nome dado aos personagens do Cavalo Marinho, são os grandes narradores das histórias do brinquedo. Inspiradas no cotidiano dos brincadores, elas trazem para cena o universo canavieiro. Podemos encontrar o nego Mateus, o nego Bastião, a Catirina, o Caroca, o Ambrósio, a Véia do Bambu, o Vila Nova, o Hora Viva, o Liberar, entre outras. Além desses personagens, o brinquedo apresenta a ema, o cavalo, o boi, entre outros animais também chamados de bichos.

Celebrações e religiosidade

A religiosidade do cavalo marinho está presente de duas maneiras, uma cristã, uma festa que louva o divino santo rei do oriente, e outra na espiritualidade do culto da jurema sagrada. O momento da estrela realizado em todos os brinquedos simboliza a presença de Jesus Cristo na celebração do ciclo natalino, período tradicional de realização do Cavalo Marinho.

Significado do Flor de Manjerona e personagens principais



Imagem 5 – Flor de Manjerona como símbolo para o grupo de mulheres do Cavalo Marinho, tendo como representação a mulher e a toada, nome dado a música, dança e loas.

Fonte: <https://pxhere.com/pt/photo/1602620>

De acordo com Tayene Santos, de 28 anos, amiga de infância das irmãs Imaculada e Betânia Salustiano, Arquiteta, residente do bairro da cidade de Tabajara, em Olinda e uma das participantes do grupo Flor de Manjerona. O significado do Flor vem de um dos trechos da música “Oh de casa, oh de fora, o manjerona quem está ai...”, fazendo uma referência à mulher e à toada “quando para pra observar, não há uma ordem de nomes para o cavalo marinho, tem o boi pintado, boi maneiro, estrela brilhante e o Flor, que não foge dessa tradição de colocar o nome referente ao cavalo marinho”.

Os quatro personagens principais do cavalo marinho são o Mateus e Sebastião, o banco, capitão e o Ambrósio. O banco não tem a função só de tocar, mas também faz parte da encenação. O Mateus e Bastião porque recebem todas as figuras, assim como o capitão e o Ambrósio, porque chega para vender as figuras que vão estar no brinquedo. Não há uma definição dos personagens que vêm primeiro. Tem Cavalo Marinho que coloca o Ambrósio antes do Mateus e Bastião e outros que colocam depois. No Flor de Manjerona, o Ambrósio vem depois do Mateus e Sebastião.



Imagem 6 - A dança do Cavalo-Marinho, geralmente é passada de pai/mãe para filho. É como se fosse uma herança de família.

Crédito: Carlos Rafael / 2021

Preconceitos e vivências

Em entrevista concedida por Tayene Santos, à medida que coloca a máscara ou põe o chapéu e vai para o banco, a pessoa deixa de ser mulher, deixa de ser homem e passa a ser apenas brincante.

Ao ser questionada sobre fazer um personagem que antes as mulheres eram proibidas, ela afirma que hoje ainda existe machismo. Muitas vezes, quando estão se apresentando, veem brincantes antigos procurando o mínimo do erro para poder falar, para dizer que o Flor de Manjerona faz determinada coisa errada, ou diferente.

De acordo com Tayene, “quando começou essa história de mulher brincar, eu ainda não era nascida, mas peguei logo no comecinho, na minha adolescência, quando Moca e Betania começaram a brincar no Cavalo Marinho. Então eu cresci sabendo que poderia brincar como figurante, mas o meu sonho era brincar em outros momentos e não via possibilidades. Com o passar do tempo, foi abrindo espaço para a mulher como brincante. Moca puxando arco foi um dos momentos mais marcantes para mim. Ao mesmo tempo que via as portas se abrindo com essas mulheres, também sabia que aquilo era limitado, que não ia poder brincar com todas as coisas que eu gostaria. E então chega o Flor para quebrar esse tabu, onde nós podemos escolher o personagem que queremos brincar, seja o Mateus ou qualquer outro personagem”.

A história da brincadeira gira em torno dos personagens Mateus e Bastião, com cenas de conflitos por dividirem a mesma mulher, também chamada de Catirina, e quando são chamados para tomar conta da festa do Capitão Marinho, a roda começa. O Mateus, personagem principal, é caracterizado com roupas estampadas e chapéu colorido com fitas e chicote. O rosto de quem apresenta o personagem é todo pintado de preto ou carvão machucado.

Segundo Tayene, "o Flor tem a possibilidade de fazer o que quiser, não tem isso de conseguir colocar determinada coisa, mesmo sendo algum personagem com vestimenta pesada, como boi, mas para ela o importante é estar feliz".

Tayene recorda de uma palestra em que uma telespectadora relatou sobre um momento do Flor em que tinha uma mulher gestante, outra recém-cirurgiada, e uma que há um mês antes tinha dado luz a um bebê, e estavam todas lá pelo Flor, pelo brinquedo. Então um homem perguntou se uma mulher iria aguentar três dias de sol e de cana e conseguir brincar um Cavalo Marinho. Ela, por respeito, não retrucou a fala. Tayene ainda diz que o corpo da mulher é frágil, mas é forte ao mesmo tempo. "Uma mulher tinha acabado de fazer uma cirurgia e estava lá brincando com todo o gás, por que uma mulher não ia conseguir dançar ou cortar cana?".

Tayene ainda relata que a maioria das meninas trabalham, chegam no ensaio com filho que ainda mama, que aperreia, que brinca, mas estão todas ali, todas focadas, brincando. "Não é fácil você se inserir em um meio masculino, machista, de estar perguntando se você consegue fazer. Até mesmo na hora do mergulhão os homens tentam provar se elas realmente sabem, se conseguem bater o mergulhão, ir até embaixo, levantar a perna, eles testam o máximo que pode".



Imagem 7 – Movimentos da dança

Crédito: Carlos Rafael / 2020

O protagonismo das mulheres no Brasil

Para o site “Instituto Algar”, a feminista Olympe Gouges foi a mulher que deu os primeiros passos durante a Revolução Francesa, fazendo alertas à autoridade masculina, a importância das mulheres e da desigualdade de direitos e gêneros, com a chegada da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã - vale ressaltar que já existia a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.



Imagem 8 – mulheres unidas em prol da igualdade

Fonte: <https://esqrever.com/2020/02/08/vamos-falar-do-feminismo/> 2020

Conforme o site “Instituto Algar”, a história do empoderamento feminino no Brasil se dá a partir do século XIX. Segundo o site “Zenklub”, o termo “empoderamento” foi trazido pela primeira vez no Brasil pelo pedagogo e filósofo, Paulo Freire, considerado um dos pensadores mais admiráveis na história da pedagogia mundial, que criou um método de ensino inovador, acreditando que a educação é uma ferramenta essencial para a transformação da sociedade, o homem que está por trás de toda a teoria e conscientização crítica. Segundo Paulo Freire, empoderamento é a “capacidade do indivíduo de realizar as mudanças necessárias para evoluir e fortalecer”.

Há várias definições para o termo empoderamento feminino, e um deles é a maior participação das mulheres na sociedade ocupando cargos de liderança e funções políticas, aumentar as responsabilidades atribuídas às mulheres, é uma forma de empoderamento e tornar mais visível os direitos de uma mulher desde a infância.

Esses elementos, são ferramentas importantes para que ela possa se tornar uma mulher empoderada e promover igualdade entre os gêneros.

A antropóloga Marion Quadros, professora do departamento de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), resgata, durante entrevista, os primeiros acontecimentos no Brasil, das batalhas enfrentadas pelas mulheres em busca de espaço na sociedade.



Imagem 9: Marion Quadros antes da apresentação do bloco da saudade

2020

O que é empoderamento feminino?

“O termo empoderamento começa a circular dentro dos movimentos sociais, inclusive do feminismo. A partir da década de 60, iremos ver mais gente falando sobre o termo. Aqui em Recife a gente vai ter alguns grupos de mulheres feministas que vão começar a falar sobre esse tema, porque existia na época todo um projeto de desenvolvimento/financiamentos e esses projetos não envolviam as mulheres como protagonistas, por exemplo, projeto agrícola, de formação para emprego e antigamente tudo era direcionado mais para os homens, e as mulheres entravam

como beneficiadas porque se pressupunha que o homem era casado e aquele dinheiro iria beneficiar aquelas mulheres também. Isso é uma das coisas que vêm pela questão da agenda de desenvolvimento que não incorporava as mulheres como protagonistas, por outro lado, tem um movimento feminista, que muitas mulheres desde o começo da história, sempre lutaram para ter seus direitos.

Quando chegou naquela época do descobrimento, com a história da inquisição, muitas mulheres foram mortas, os padres matavam as mulheres que tinham algum conhecimento, pois diziam que elas eram bruxas e isso fez parte da hegemonia da Igreja católica no Ocidente, isso constituiu uma parte porque atacavam as mulheres que tinham conhecimento e fez, junto com a ciência moderna, uma transferência desse conhecimento que gera mais poder para mão dos homens. Com a inquisição e com a Revolução Francesa essas mulheres que lutavam em grupos/espacos, começam a criar movimentos e começam então a fazer um movimento para ter direitos, por exemplo, a votar e serem votadas. Isso ficou conhecido como movimento sufragista e as mulheres vão ganhando o direito ao voto paulatinamente durante o século XX, depois elas começaram a lutar para ter direito a educação e ao trabalho, e nos anos 60, também chamado como segunda onda do feminismo - porque a primeira onda seriam esses direitos mais básicos, se acrescentou a isso a questão da subjetividade, da sexualidade livre, de ter o direito de determinar quantos filhos quer ter, ter direito a cuidar e a mandar no seu próprio corpo. Juntando essas duas coisas, uma que é o movimento feminista no acesso a todos os direitos, porque tudo que a gente tem hoje, foram direitos que foram ganhos aos poucos com muita luta e as vezes com a morte de mulheres. Com isso, também se adicionou os direitos sexuais e reprodutivos e a ideia de que o desenvolvimento tem que dar algum protagonismo às mulheres, ou dar o total, elas têm que ser beneficiadas diretamente no nome delas, para os projetos de desenvolvimento.

Tivemos um movimento de cultura popular, logo antes da ditadura, e tinha um programa que era para alfabetizar que foi daí que surgiu o projeto Paulo Freire, que também tava numa ideia de empoderar as pessoas, mas no caso dele, era empoderando as pessoas analfabetas da classe trabalhadora, já as feministas e o movimento de mulheres, queriam direito à moradia, a questão da reprodução, de poder planejar sua família e ter acesso a contraceptivos e assim por diante, e dentro

desse movimento, tinha as mulheres negras, que não eram tão reconhecidas pelas mulheres brancas, então elas tinham outras pautas que eram para se juntar a essas”.

O que se entende de poder na sociedade?

“Existem várias maneiras de entender o poder, tem a forma marxista de dizer que existe um poder hegemônico e um poder alternativo, da minoria ou da classe trabalhadora. Pensando nisso, [Pierre] Bourdieu, que é um antropólogo, trabalhou os campos de poder, ortodoxo e heterodoxo, que no caso das mulheres é heterodoxo, por mais que sejamos a maioria da população, mas não tem o mesmo acesso aos recursos, aos bens da sociedade, como os homens têm. Quando se tira os direitos sexuais e reprodutivos, os direitos de trabalho, os mecanismos de garantir isso, quando se tem uma reforma trabalhista, quem sofre mais são as mulheres, por terem os trabalhos mais precários e que mais trabalham em tempo parcial - que já é o resultado dessa sociedade que privilegia ainda o homem como força de trabalho, que é um dos sinais do machismo. Tivemos duas mulheres que procuraram mudar a sociedade mais emblematicamente, que é a Princesa Isabel. Depois que assinou a Lei Áurea, ela foi totalmente boicotada dentro do sistema de poder, do Império e então foi a partir dali que se deu a passagem para a República, e ela teve que sair do Brasil e foi morar na França, pois o marido era francês. O outro caso foi Dilma Rousseff, que foi uma articulação para tira-lá do poder, uma vez que ela não cedia às coisas que os outros cedem, na questão da distribuição de dinheiro entre eles na Câmara, para votar.

Então, a questão do poder tem também essa vertente Max Weber, que é um clássico da sociologia e tem a versão de [Michel] Foucault, que é uma versão que foi sendo desenvolvida pelo pós-estruturalismo, onde ele vai falar que o poder existe, porque também está dentro de nós, que o poder passa por nós, então sem querer a gente legitima aquele poder e quando tomamos consciência é que a gente vai deixando de legitimar aquele poder que tem mais poder. São três maneiras diferentes de se ver o poder e o empoderamento, às vezes, está tratando desse poder mais estrutural, pelo processo individual, mas que tem a ver com o coletivo também. O importante no empoderamento é você tratar as duas coisas que são interligadas, porque uma só não vai conseguir superar”.

Qual o papel da mulher branca nesse empoderamento?

“Esse movimento feminista que a gente conhece, foi na Europa na questão da inquisição, então eram mais mulheres brancas, e como tem uma questão de classe que muitas mulheres brancas são de classe média, tem acesso a universidades, já como resultado dessa luta, então as próprias mulheres brancas não escutaram as mulheres negras, que também estavam lutando para ter acesso a isso. Então, hoje em dia, existe uma questão que as mulheres negras observam, é a falta de reconhecimento que elas sofreram durante muito tempo e as mulheres brancas, por conta desse processo, não percebem que elas fizeram parte dessa falta de reconhecimento, e isso faz com que ocorra uma cisão entre as feministas negras e brancas - mesmo a gente vivendo numa sociedade onde todo mundo é mestiço, porque todo brasileiro tem um pouco de sangue negro, indígena, português, espanhol ou holandês. Então você vai ter essas questões que não sei se estão perto de se resolver, mas que têm sido tratadas agora de uma maneira mais consciente e que, portanto, eu acho que a gente tem caminhado. Inclusive, percebe-se que essas mulheres conseguem fazer muito mais, articular mais esse movimento, do que as mulheres brancas, devido à posição na sociedade, que é mais discriminada, que tem uma maneira de tratar as coisas coletivas maior do que essas mulheres brancas de classe média.

O empoderamento é uma palavra que surgiu para expressar esse processo que é individual e coletivo em algumas áreas, como a área de financiamento e de processos de desenvolvimento, tanto na parte de reflexão desses projetos, como do financiamento para esses projetos”.

Qual a importância da representatividade feminina?

“A mulher sente a necessidade de participar integralmente de todos os espaços da vida social e ela tem limites para isso. A gente não tem muitas mulheres em cargo de liderança, a gente não tem muitas mulheres recebendo o mesmo dinheiro, que tem os homens, inclusive, esse direito à herança também tem a ver com o movimento feminista, pois antigamente a mulher não tinha direito. Então todos esses direitos que foram sendo adquiridos, têm a ver com essa articulação desse movimento feminista, dos sindicatos e assim por diante. As mulheres entendem que são capazes de assumir

esses espaços, mas existem muitas barreiras para que elas assumam, e uma dessas barreiras é justamente quando elas têm filhos, porque infelizmente a gente ainda não tem nenhuma lei que obrigue os homens a cuidarem dos filhos, a serem responsáveis tanto quanto as mulheres, temos uma lei que diz que os homens e as mulheres são iguais no casamento, mas na prática o que funciona é uma divisão sexual do trabalho onde as mulheres ficam como principais responsáveis pelas atividades domésticas”.

Como é ser mulher no âmbito cultural? A cultura é um bom espaço de empoderamento da mulher?

“Eu acho que é necessário, porque na cultura, na brincadeira, no lúdico, é que você também ensina as pessoas. Eu faço parte do bloco da saudade, mas eu entraria em qualquer outro bloco lírico, porque as mulheres é que tem o protagonismo. Eu queria entrar no maracatu, mas quando eu vi o esquema do maracatu, de jeito nenhum eu entraria numa brincadeira dessa, eu vejo como uma limitação, porque eu não vou fazer parte de um lugar onde você não pode ser uma mestra, que tenha um papel importante. Eu acho que tomei essa atitude porque eu queria reforçar essa brincadeira do bloco lírico, que foi justamente uma reação das mulheres aos maridos, que saíam para brincar o Carnaval e não voltavam. Mas eu acho super válido que as mulheres façam um maracatu só de mulheres, uma banda de alfaia, qualquer coisa que elas façam e se projetam, eu acho fundamental.”



Imagem 10: Marion Quadros no bloco da saudade

Crédito: Marion Quadros / 2020

Como é ser mulher em Pernambuco?

“Ser mulher em Pernambuco é difícil, porque é um Estado onde a gente ainda tem a divisão da Casa Grande e da Senzala, então é um lugar muito machista e muito racista. Quando fui pra São Paulo, eu senti isso, em relação a ser nordestino também, porque, quando vou para lá, eu sinto que eles têm um preconceito muito grande com os nordestinos, mas estando aqui em Pernambuco, como eu estou na universidade, no Departamento de Antropologia, que é um Departamento que não é um desses conservadores, e eu também me associo ao movimento feminista no sentido de que eu sei que qualquer coisa que eu queira, eu sei aonde ir, eu sei que não estou sozinha. Então existem esses dois lados, primeiro que, para chegar aonde eu cheguei, eu ralei muito, mas eu sempre tive apoio da minha família, porque também minha família já vem desse ramo, minha avó era professora da universidade, meu avô, minha mãe, meu pai e minha tia também. Eu não projetei que ia ser professora da universidade, as coisas foram acontecendo, mas isso com certeza tem alguma coisa familiar que influenciou, então dentro da minha casa nunca tive esse negócio de ter que fazer coisas porque eu era mulher e meu irmão era o homem. Quando eu fui enfrentar os problemas fora de casa, por exemplo, quando eu engravidei no curso de graduação, eu fazia parte de um grupo de estudo e o professor me tirou desse grupo, porque ele disse que não dava para estar grávida no grupo de estudo, então as coisas aconteceram assim, nesses episódios, ou então porque vem o professor e dá uma cantada e você tem que sair daquela situação.

No departamento que eu fiz o curso, tinha muitas mulheres também, então a dificuldade era um pouco menor. Mas tinha uma disciplina que era estudos de mulher, não era nem de gênero, e os professores homens começavam a fazer muita piada com isso, e você sentia a resistência dessas pessoas para esses novos temas, coisas que eles diziam que era recheio, porque para eles só importava a luta de classe. Com o apoio da minha família eu conseguia fazer as coisas, não foi fácil, mas eu conseguia fazer. Eu acho que não enfrentei tantos obstáculos como muitas mulheres enfrentam, desse machismo que você vê em todos os lugares, inclusive no de Ciências Sociais. Então é como se eu tivesse numa bolha e mesmo quando eu tinha dificuldades, eu sempre pensava que não estava sozinha porque eu sei que aqui no Recife tem muitas

organizações feministas e que eu posso de alguma forma me apoiar, mesmo que não seja diretamente, mas eu posso utilizar isso como uma forma de empoderamento”.

“Nossa cultura é desconhecida de grande parte dos Pernambucanos”

O especialista em “Ensino da História”, Lucas Thyego, contextualiza aspectos da cultura pernambucana, as dificuldades enfrentadas para trazer o tema nas escolas e os impactos causados pela nossa cultura estadual, para com os cidadãos pernambucanos.



Imagem 11 – Lucas Thyego no Passeio em Itamaracá

Crédito: Poliana Fideles / 2019

Você acha que a cultura pernambucana é valorizada?

“Não. Nossa cultura, infelizmente, é desconhecida de grande parte dos próprios pernambucanos. Até conhecemos os grandes ciclos de festejos - carnaval, são joão e festa natalina, mas pouco queremos conhecer sobre nossa própria memória. Além disso, ainda estamos aquém em relação a uma educação patrimonial e cultural. O poder público, que deveria fomentar e incentivar a educação cultural e os espaços da cultura, não faz sua parte”.

Quais impactos da nossa cultura estadual podem ser percebidos nos cidadãos pernambucanos?

“Em primeiro lugar, eu acredito que o impacto é mútuo. Sendo a cultura fruto de transformações humanas, no espaço e no tempo, a cultura transforma nossa vivência, mas também é transformada. Acho que a rica cultura de Pernambuco, com vários festejos, danças e outros elementos, torna o pernambucano mais animado e tende a nos deixar mais acolhedores. Inúmeros elementos culturais interferem nesses costumes. O segundo impacto é o social e financeiro, para além da animação recorrente, e nossa típica tendência a festas. A cultura tem um importante papel na organização social e econômica, principalmente no Carnaval e São João”.

O que você diz sobre a valorização da nossa cultura nas escolas? Você acredita que as escolas têm feito seu papel?

“Trabalhar sobre a cultura e memória em nossas escolas é fundamental para que os alunos possam reconhecer sua própria história e, assim, serem capazes de interferir positivamente no hoje. Se não trabalharmos sobre a cultura, estaremos tirando a alma, e significado de vários momentos históricos. Além do mais, as escolas devem ser espaço de divulgação e valorização, evitando preconceitos. Eu acredito que as escolas poderiam ir mais além. Mas, uma questão interessante é que a própria demanda pedagógica e de conteúdos, muitas vezes, não permite que a escola seja um local de troca e construção”.